



Comandanta Ramona do Exército Zapatista de Libertação Nacional: protagonismos alternativos nas Relações Internacionais

Gabriela Oliveira Elesbão¹

"Nunca más un México sin nosotras. Nunca más una rebelión sin nosotras. Nunca más una vida sin nosotras."

Comandanta Ramona, 1997.

O Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) é um movimento camponês e indígena, com território localizado no estado de Chiapas, no sul do México. A primeira ação do movimento aconteceu em 01 de janeiro de 1994, com a ocupação da sede administrativa chiapaneca em protesto contra a promulgação do Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), acordo econômico capaz de encerrar o sistema de terras comunais (ejidos)² mexicano, assinado por Estados Unidos, Canadá e México.

Desde os primeiros anos de sua insurgência, a participação das mulheres no Exército Zapatista foi incentivada. Este incentivo não apenas permitiu que as mulheres se juntassem às fileiras do movimento, mas também garantiu que tivessem um papel ativo e significativo em todos os níveis de organização e tomada de decisão. Além de combater a opressão externa, o EZLN se esforçou para erradicar a discriminação de gênero dentro de suas próprias fileiras, garantindo que as mulheres tivessem acesso à educação, direitos reprodutivos, e a oportunidade de assumir posições de liderança. Este enfoque inclusivo ajudou a transformar o EZLN em um modelo de luta não apenas pela liberdade e justiça social, mas também pela igualdade de gênero, servindo de inspiração para movimentos feministas e de direitos indígenas em todo o mundo. (Marcos, 2013)

Comandanta Ramona nasceu em 1959, em Chiapas (México). Era bordadeira até entrar para o EZLN, sendo a primeira mulher apresentada ao público pelo grupo, em janeiro de 1994. Além disso, por mais de vinte anos foi membra do Comitê Clandestino Revolucionário Indígena, órgão central no Exército Zapatista. Durante sua trajetória no EZLN, Ramona lutou pelos direitos das mulheres indígenas e mexicanas,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais (UFRGS)

² Os ejidos são porções de terras distribuídos aos trabalhadores rurais do México, a partir da Lei de Terras de 1917, que promulgou a reforma agrária no país, instituída após a Revolução Mexicana; essas terras têm condições específicas de usufruto e não caracterizam-se pela propriedade individual e sim, comunal.



EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

reivindicando assistência médica adequada, o fim do casamento arranjado, educação para mulheres e sua ativa participação na luta armada indígena.

A liderança de figuras como Comandanta Ramona simboliza o compromisso Zapatista em transformar a realidade das mulheres: Ramona não apenas lutou lado a lado com seus companheiros masculinos, mas também foi fundamental na criação de políticas internas que promoviam a igualdade de gênero.

A atuação de Ramona junto de outras companheiras do EZLN, demonstra a importância de políticas planejadas por mulheres, visando o público feminino. Em 1994, as Zapatistas promulgaram a Lei Revolucionária de Mulheres, uma proposta política para transformar as relações entre mulheres e homens nos territórios ocupados e inspirar a luta por direitos femininos no México. Em seus dez artigos, o documento defende o direito de decisão das mulheres acerca do casamento, da decisão sobre a maternidade e também, sua participação na luta revolucionária e na remuneração pelo trabalho exercido.³

A importância do protagonismo de Comandanta Ramona para as Relações Internacionais (RI) reside em sua capacidade de desafiar a visão tradicional do poder e da diplomacia. Sua liderança dentro do EZLN trouxe visibilidade para as questões de gênero e direitos indígenas em um contexto global, destacando a interseção entre luta de classes, autonomia indígena e emancipação feminina. Ao fazê-lo, Ramona e o EZLN ampliaram a compreensão de atores legítimos nas RI, mostrando que movimentos sociais e lideranças femininas podem moldar agendas políticas e influenciar a política internacional.

Ramona, com sua dedicação aos direitos das mulheres e à luta indígena, exemplifica como líderes não-estatais podem impactar a diplomacia e as políticas globais. Sua atuação demonstrou que o poder não reside apenas nas instituições estatais, mas também nas comunidades e movimentos que lutam por justiça social e direitos humanos. Ao promover a Lei Revolucionária de Mulheres e outras iniciativas, ela inseriu o debate sobre igualdade de gênero e direitos indígenas nas arenas de discussão global, contribuindo para uma

³ Alguns dos artigos mais relevantes da Lei Revolucionária de Mulheres são: Primeiro: As mulheres, sem importar sua raça, crença, cor ou filiação política têm direito de participar da luta revolucionária; segundo: as mulheres têm direito a trabalhar e receber um salário justo; terceiro: as mulheres têm direito de decidir o número de filhos que podem ter e cuidar.; sexto: as mulheres têm direito à educação; sétimo: as mulheres têm direito de eleger seus companheiros e não serem forçadas a casarem-se; oitavo: nenhuma mulher poderá ser maltratada fisicamente, nem por familiares, nem por estranhos; nono: as mulheres poderão ocupar cargos de direção na organização e obterem graus militares nas forças armadas revolucionárias. (LEI REVOLUCIONÁRIA DE MULHERES, EZLN, 1994)



EM MEMÓRIA DA AMÉRICA LATINA

redefinição dos conceitos de soberania e autodeterminação. (Guevara, 2019)

Comandanta Ramona faleceu em 2006, mas sua trajetória revolucionária continua inspirando mulheres dentro e fora do EZLN, simbolizando a resistência contra as opressões étnicas e de gênero, sendo um farol para a luta feminista em contextos de resistência armada e autonomia indígena. Seu legado oferece uma alternativa ao protagonismo tradicional do Estado na comunidade e diplomacia internacional, afirmando a importância de vozes diversas e inclusivas na construção de um mundo mais justo e equitativo.

Referências:

- Corado, Ilka Oliva. Comandanta Ramona inspira novas gerações de mulheres indígenas na busca por seus direitos. Disponível em: <<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/cultura/72793/comandanta-ramona-inspira-nov-as-geracoes-de-mulheres-indigenas-na-busca-por-seus-direitos>> 18/06/2024
- Guevara, Lourdes Consuelo Pacheco Ladrón. Nosotras ya estábamos muertas: Comandanta Ramona y otras insurgentas del Ejército Zapatista de Liberación Nacional. **Trayectorias Humanas Transcontinentales**. Nayarit, 2019.
- Sylvia, Marcos. “Las fronteras interiores: El movimiento de mujeres indígenas y el feminismo en México”, en: **Diálogo y Diferencia: Retos feministas a la globalización**, México: CEIICH UNAM, 2008. p. 205.

Como citar: ELESBÃO, Gabriela Oliveira. Comandanta Ramona do Exército Zapatista de Libertação Nacional: protagonismos alternativos nas Relações Internacionais. 2025. Disponível em: <https://lppe.uerj.br/emmemoriadaamericalatina>. Acesso em: 10 mai. 2025.